

ESPAÇO JOVEM

Grande desejo de ajudar o RC

Publicitária de 22 anos torna-se militante após frequentar Filial por um ano e dedica-se às crianças

Com apenas 22 anos, a publicitária paulistana Cíntya Souza de Angelo já conquistou todo mundo na Filial São Paulo do Racionalismo Cristão. Militante desde o final de 2008, após haver frequentado a Casa por um ano, Cíntya mostra nesta conversa para o Espaço Jovem de A Razão o quanto já aprendeu com a Doutrina, mesmo não tendo nascido em berço racionalista cristão. Ela começou assistindo a reuniões públicas, onde encontrou respostas para seus questionamentos espiritualistas, e hoje só não vai à Filial São Paulo se estiver doente ou se precisar ficar até mais tarde no trabalho. "Se não venho, é como se eu tivesse deixado a minha obrigação de lado, a minha responsabilidade. Fico com a consciência pesada. Saio de toda reunião com a sensação do dever cumprido", diz.



“

Procuo fazer o meu trabalho bem feito, de forma organizada, para a minha consciência ficar tranquila. Se você se dispõe a acordar de manhã, é preciso viver bem o dia até o final.

”

Cíntya Souza de Angelo
Publicitária

pai... Consegui dar muita força para ele. Como eu, ele sempre teve necessidade de estudar, saber sobre religiões. Até que um dia conheceu o Racionalismo Cristão. Ele adorou e hoje frequenta o grupo de estudos da Doutrina.

– Além de ter se tornado mais centrada, em que a doutrina ajuda você na profissão?

Cíntya – Eu era um pouco insegura. Ficava pensando: "Será que a pessoa vai gostar?" Trabalho com publicidade e preciso acertar o gosto das pessoas. Tenho de estar preparada para ouvir um "não gostei". Com a Doutrina, aprendi a lidar com isso. Comecei a pensar de outra maneira. Procuo fazer o meu trabalho bem feito, de forma organizada, para a minha consciência ficar tranquila. Se você se dispõe a acordar de manhã, é preciso viver bem o dia até o final.

– Que lição que você tira do Racionalismo Cristão?

Cíntya – Há duas frases que eu adoro, uma delas está em livros de Maria Cottas: "Tudo passa". A outra é "Pessoas esclarecidas nunca baixam a cabeça".

Quais os seus planos?

Cíntya – Quero ajudar a Doutrina sempre que puder, ter acesso a mais pessoas para passar a mensagem do Racionalismo Cristão e tratar com muito carinho as crianças que nos visitam.

– Que conselho você daria aos jovens que vão ler sua entrevista?

Cíntya – Acredito que a gente deve viver o dia muito bem. Isso quer dizer estar bem consigo mesmo, sair de casa tendo pensamentos positivos, estar disposto a ajudar os outros, trabalhar bem e voltar para a casa no fim do dia com a sensação de dever cumprido.

ENTREVISTA A
THARSILA PRATES

A RAZÃO – Como conheceu o Racionalismo Cristão?

Cíntya – Foi através da minha sogra, Yolanda. Alguns tios dela eram militantes e ela costumava frequentar a Doutrina na Francisca Júlia (Rua Francisca Júlia, onde a Filial São Paulo funcionava antes do prédio da Rua Gabriel Pizza, em Santana, Zona Norte paulistana). Por um tempo ela deixou de ir e, depois de cerca de 15 anos, já no final de 2007, voltou a frequentar, já na sede em Santana. Nessa época, eu fazia o último ano de faculdade. Minha sogra chamou meu noivo, Henrique, para frequentar também e eu fui junto com ele.

– Qual religião você seguia na época?

Cíntya – Sempre estudei muito sobre religiões. Lia sobre hinduísmo, budismo... e procurava conhecer um pouco de tudo. A família do meu pai é evangélica. No último ano da faculdade, eu já estava fazendo catequese junto

com o meu noivo. Sou do tipo que não fica satisfeito quando não obtém a resposta que procura. Na catequese aconteceu isso.

– O que a afligia?

Cíntya – Na catequese, eu e o Henrique nos perguntávamos "É aí? Qual é o significado disso?" As coisas estavam meio vagas para nós. Havia pessoas que estavam ali porque queriam batizar os filhos, outras porque seguiam o catolicismo, mas nós dois não estávamos satisfeitos. Concluímos a catequese, mas achávamos que deveria haver algo mais. Foi quando a minha sogra voltou a frequentar o Racionalismo Cristão, como já falei, e chamou o meu noivo.

Qual foi a sua impressão ao conhecer a doutrina?

Cíntya – Não me opus a vir conhecer, mas, para ser sincera, fiquei um pouco assustada no primeiro dia. Não conseguia entender a irradiação de dez minutos, o que ela significava. Foi uma coisa muito nova. Eu estava vivendo uma fase meio turbulenta. Com os meus pais separados, decidi

morar com o meu pai e estava terminando o Trabalho de Conclusão de Curso na faculdade. Além disso, estava sofrendo de gastrite por causa do estresse. Foi tudo junto, não tinha paz interior. E o que mais me surpreendeu na reunião do Racionalismo Cristão foi o silêncio. Parei para respirar e refletir sobre a minha vida.

– O que aconteceu daí em diante?

Cíntya – Passei a frequentar a doutrina, mas no começo ainda falhava um pouco por causa dos horários da faculdade. Fazia questão de vir quando dava, porque aqui eu escutei coisas que respondia as minhas perguntas. Foi a primeira vez que as coisas se encaixaram. A partir disso, fiquei mais centrada em mim, deixei de achar que as pessoas deveriam pensar e agir da forma como eu gostaria. Alcancei a fase do "Não posso mudar a vida do outro".

– Como se tornou militante?

Cíntya – Depois de uns três ou quatro meses que eu e o meu noivo frequentávamos a Doutrina,

começamos a nos perguntar como poderíamos ajudá-la. Os mais antigos orientavam que era melhor passarmos pelo menos um ano frequentando a Casa para, então, pensarmos em ser militantes. Até que o meu noivo se tornou um e, num almoço de militantes, o "seu" Herval (Herval Tavares de Campos, presidente da Filial São Paulo) me perguntou quando eu começaria na militância. Disse a ele que ainda não me sentia preparada. Eu tinha um ano de frequência, mas o meu maior medo era que pessoas me abordarem com perguntas que eu não soubesse responder. Mas "seu" Herval praticamente me intimou.

– Depois disso, demorou para você começar na militância?

Cíntya – Não. Na mesma semana fiz uma carta contando por que queria ser militante, quais os livros que eu já havia lido e conversei com o "seu" Herval. Quando vi, já estava militando. Passei a ler ainda mais, também.

– Você está na Sala dos Jovens da Filial São

Chega a hora de buscar aceitação

Crescer não é fácil. Significa quebrar a casca do ovo, sair debaixo da "asa" dos pais e se mostrar para o mundo. Uma das tarefas que se impõem nessa fase da vida é ir em busca da aceitação social, da aprovação dos amigos e colegas de escola.

Para que tal aceitação ocorra é necessário que o adolescente se identifique com o grupo. Essa corrida em busca do "sucesso social" é perfeitamente natural, de acordo com especialistas. "Todo ser humano

precisa ser aceito, porque ninguém vive isolado", explica a psicóloga carioca Patrícia Ribeiro de Andrade.

Ao mesmo tempo em que a família começa a sair de cena para dar lugar ao crescimento do adolescente é preciso que os pais fiquem atentos, de olho na cria. Isso porque o jovem pode acabar cometendo alguma besteira com a justificativa de ser aceito pelo grupo que escolheu. Pode parecer um paradoxo, mas o nome disso é liberdade vigiada.

Como foi dito no início, o adolescente quer mais é romper com os seus familiares, no sentido de começar a viver sozinho, tomar as suas decisões e ser responsável por elas. Estando em um grupo, vai procurar seguir os amigos no que eles fazem, conhecer os assuntos sobre os quais eles conversam, vai dividir as mesmas opiniões etc.

Essa necessidade de se espelhar no outro já dá as caras na infância, quando o pequeno, mesmo tendo o

seu brinquedo, quer brincar com o da outra criança. Isso também é natural.

O problema está no fato de o adolescente ou o jovem não conseguir libertar-se disso, como lembra Patrícia de Andrade. Ou seja, quando ele não consegue andar com as próprias pernas, precisando sempre do amparo do outro. "É um tipo de comportamento que não é saudável para o próprio jovem, não favorece o seu crescimento", diz a psicóloga. É uma ati-

tude que produz adultos malformados. Quantos por aí não vivem sem ouvir a opinião do outro, incapazes de formular a sua própria opinião e, por consequência, tomar as suas decisões?

A educação dada na infância e a presença da família, mesmo "atrás das cortinas", é o que garante que o adolescente não cometa uma besteira só porque o grupo no qual está inserido pensa em fazê-la. "Na hora de fazer a bobagem, o jovem vai

pensar nos conselhos dos pais. Aqueles pais que foram carinhosos, presentes e que formaram um vínculo de qualidade com o filho", acredita a psicóloga Patrícia de Andrade.

Por isso, não é preciso descabelar-se com a necessidade que todo indivíduo tem de ser aceito pelo outro. O perigo está em fazer disso a única via para o desenvolvimento pessoal. Leia, estudem, busquem os seus grupos e o apoio da família. E sigam em frente!